

MISSÃO INTEGRAL, A IMAGO DEI E OS POBRES EM JOÃO CALVINO

Integral Mission, the Imago Dei and the poor in John Calvin

Dr. Jorge Henrique Barro¹

RESUMO

Este artigo trata de três temas integrados: *missão integral*, a *imago Dei* e os *pobres* em João Calvino. A *primeira* parte do artigo é dedicada a explorar a *concepção de integralidade nas Escrituras* a partir de quatro momentos: no (1) *Jardim do Éden*; no (2) *Grande Mandamento*; nos (3) *Dez Mandamentos*; e no (4) *Shemá*. A *missão* tem sua gênese em Gênesis. Se ela é de propriedade de alguém, este *Alguém* é o próprio Deus (*missio Dei*). Se ela é de propriedade de algum movimento, é do movimento de amor de Deus ao mundo. Já ali no *Jardim do Éden* fica claro que a *missio Dei* tem, no mínimo, *quatro dimensões* inseparáveis: (1) o relacionamento harmônico do ser humano *para com Deus*; (2) o relacionamento harmônico do ser humano *para com o próximo*; (3) o relacionamento harmônico do ser humano *para consigo mesmo*; (4) o relacionamento harmônico do ser humano *para com o meio ambiente* (seu habitat e ecossistema). A *segunda* parte do artigo é uma análise do reformador João Calvino, em sua perspectiva sobre a *imago Dei* e sua preocupação com os pobres de seu tempo em uma Genebra que havia se tornado um centro de viver dissoluto. Fundamental é compreender a

¹ Jorge Henrique Barro possui doutorado em Teologia pelo Fuller Theological Seminary (Pasadena, Califórnia). Fundador da Faculdade Teológica Sul Americana. Ex-presidente da Fraternidade Teológica Latino Americana (Continental). Avaliador do Ministério de Educação. Professor de Teologia. Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Professor de Teologia. E-mail: jorge@fts.edu.br

importância que Calvino dá para a *imago Dei*, de onde, a meu ver, se compreende a noção de integralidade sua teologia, onde os pobres não foram por ele nem esquecidos nem negligenciados em sua prática pastoral, como também em suas pesquisas bíblicas e teológicas, conforme registradas em sua obra magna intitulada *As Institutas*.

Palavras-chave: Missio Dei. Missão integral. Imago Dei. Pobres. João Calvino. As Institutas. Integralidade. Dez mandamentos. Grande mandamento. Shemá.

ABSTRACT

This article deals with three integrated themes: *integral mission*, *imago Dei* and the *poor* in John Calvin. The *first* part of the article is devoted to exploring the concept of integrality in the Scriptures from four moments: in the (1) *Garden of Eden*; (2) *Great Commandment*; (3) *Ten Commandments*; and in the (4) *Shema*. The mission has its genesis in Genesis. If it is owned by someone this One is God Himself (*missio Dei*). If it is owned by some movement it is God's movement of love to the world. Already in the Garden of Eden it is clear that *missio Dei* has at least four inseparable dimensions. They are: (1) the harmonic relationship of the human being *to God*; (2) the harmonic relationship of the human being *to the neighbor*; (3) the harmonic relationship of the human being *to himself*; (4) the harmonic relationship of the human being *to the environment* (his habitat and ecosystem). The *second* part of the article is an analysis of the reformer John Calvin in his perspective on *imago Dei* and his concern for the poor of his time in a Geneva that had become a center of dissolute living. Fundamental is to understand the importance that Calvin gives to the *imago Dei*, from which, in my view, one understands the notion of integrality in his theology, where the poor were not forgotten by him nor neglected in his pastoral practice as well as in his Biblical and theological researches, as recorded in his masterpiece *The Institutes*.

Keywords: Missio Dei. Integral Mission. Imago Dei. Poor. John Calvin. The Institutes. Integrality. Ten Commandments. Great Commandment. Shema.

INTRODUÇÃO

500 anos de existência da Reforma Protestante (31 de outubro de 2017). Um marco que merece não apenas ser *lembrado e comemorado*, como também um convite ao *resgate* do pensamento do Reformadores e uma *revisão crítica*, sempre com espírito de manter o lema “*Ecclesia Reformata et Semper Reformanda est*” (“igreja reformada sempre se reformando”), expressão criada por Gisbertus Voetius (1589-1676), teólogo holandês, cuja frase foi criada no Sínodo de Dort (1618-1619).

Esta reflexão surgiu do meu interesse pessoal em refletir dois temas:

- O primeiro é a *integralidade* em quatro momentos: no (1) *Jardim do Éden*; no (2) *Grande Mandamento*; nos (3) *Dez Mandamentos*; e no (4) *Shemá*. Esta primeira parte é dedicada a explorar a *concepção de integralidade nas Escrituras* a partir destes momentos descritos;
- O segundo busca olhar essa concepção de integralidade nos escritos de João Calvino nas *Institutas*.

Se no primeiro momento olho para a *missio Dei* como ponto de partida para a existência da missão, no segundo para a *imago Dei*. Discerni que o que mais aproxima Calvino do conceito de integralidade é sua noção da *imagem de Deus* no ser humano por Ele criado. E de modo ainda mais específico e particular, fui levado (por pura curiosidade) a investigar se João Calvino havia tratado do tema dos *pobres* na sua obra magna, *As Institutas*. Durante minha formação teológica, no contexto reformado, mesmo tendo *As Institutas* em minhas mãos, os *pobres* não apareceram. Certamente uma desatenção grande de minha parte, uma vez que ninguém os tirou dali. Mas também influenciado por uma leitura, no mínimo tendenciosa e seletiva das *Institutas*, sendo exigidos trabalhos que nela refletissem os temas clássicos como a *eleição*, *providência*, *justificação*, *Trindade*, *conhecimento de Deus*, *predestinação*,

em outros. Suspeito que muitos tenham experimentado e ainda experimentam o mesmo em sua formação teológica hoje.²

Sendo eu um ministro reformado³ e, portanto, além da questão de meu *interesse pessoal*, também me aproximo de Calvino pelo fato de que algumas *ideias e críticas contrárias à missão integral* vêm (não exclusivamente) de pessoas e setores que subscrevem a mesma tradição que a minha, a *Calvinista*. Talvez porque pouco se fala e menciona Calvino no movimento da missão integral, pode ficar a ideia de que ele não tivesse o *viés da integralidade e a totalidade da criação*, ou uma atenção particular aos mais vulneráveis, neste caso, os *pobres*. Óbvio que não podemos inserir Calvino no chamado *Movimento da Missão Integral* pelo fato de que o mesmo, enquanto *movimento* que leva esse nome, é recente. Assim, fui desafiado a reler *As Institutas* na tentativa de encontrar ali elementos comuns a partir da *missão integral*. Ao fazer isto, sei que estou correndo o risco de justamente alimentar a ideia de alguns de que a missão integral é muito mais antiga do que se pensa. É mesmo! Mas não me refiro ao próprio João Calvino, George Müller, João Wesley, Abrahão Kuyper, os Franciscanos, os Dominicanos, ou outra pessoa ou movimento na história. A missão integral começa na narrativa do Jardim do Éden!

Assim, antes de recorrermos a Calvino, recorramos à noção de integralidade na *Sagrada Escritura*. Ela, e não os movimentos, é a *fonte* para a prática da missão integral. Assim, veremos a integralidade no (1) *Jardim do Éden*; no (2) *Grande Mandamento*; (3) nos *10 Mandamentos*; e no (4) *Shemá*.

A *missão* tem sua gênese em Gênesis. Se ela é de propriedade de alguém, este *Alguém* é o próprio Deus (*missio Dei*). Se ela é de propriedade de algum movimento, é do movimento de amor de Deus ao mundo. Já ali no *Jardim do Éden* fica claro que a *missio Dei* tem, no mínimo, *quatro dimensões inseparáveis*. São elas:

- O relacionamento harmônico do ser humano para com Deus;
- O relacionamento harmônico do ser humano **para com o próximo**;
- O relacionamento harmônico do ser humano **para**

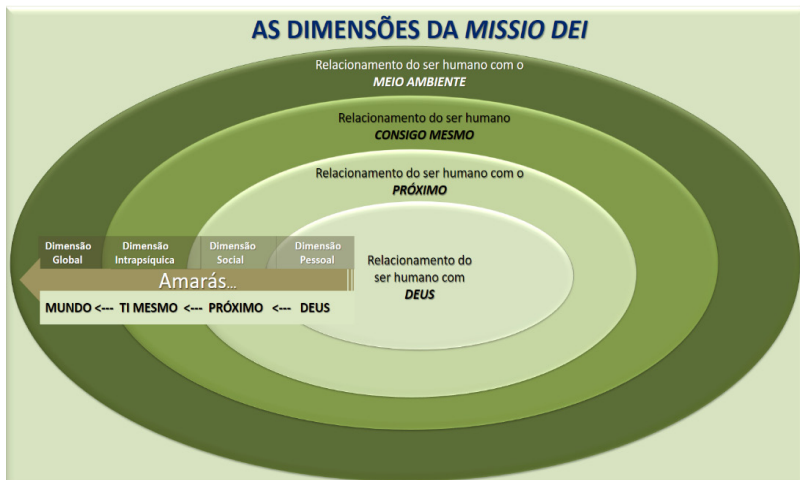
² O máximo que ouvíamos era sobre André Biéler e seu livro *O Pensamento Econômico Social de Calvino*.

³ Pertença a *Igreja Presbiteriana do Brasil*, tendo sido ordenado em 1987.

consigo mesmo;

- O relacionamento harmônico do ser humano para com o meio ambiente (seu habitat e ecossistema).

Essas *quatro dimensões* podem ser identificadas como pessoal, social, intrapsíquica e global, conforme na imagem que segue:



Aqui está a raiz e a essência da concepção da *integralidade*. Esta integralidade é notoriamente percebida e descrita no *Grande Mandamento*, conforme proposto por Jesus. Vejamos:

Chegando um dos escribas, tendo ouvido a discussão entre eles, vendo como Jesus lhes houvera respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o principal de todos os mandamentos? Respondeu Jesus: O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, *de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força*. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. Disse-lhe o escriba: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele, e que amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e *de toda a força*, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os

holocaustos e sacrifícios. Vendo Jesus que ele havia respondido sabiamente, declarou-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E já ninguém mais ousava interrogá-lo (Mc 12.28-34).

Jesus menciona *quatro dimensões* do nosso amor para com Deus: “Amarás a Deus”...

- De todo o teu coração – central das emoções;
- De toda a tua alma – central da transcendência;
- De toda a tua força – central das atividades somáticas;
- De todo o teu entendimento – central da vida lógica.⁴

E ainda “Amarás ao próximo...”

- *Como a ti mesmo* – agentes que agem com justiça.

Se o amor a Deus é extraído do *Shemá* (“Ouve, ó Israel, como veremos mais adiante), o amor ao próximo vem de Levítico 19.8-18:

Quando também segares a messe da tua terra, o canto do teu campo não segará totalmente, nem as espigas caídas colherás da tua messe. Não rebuscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha; deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. Não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo; nem jurareis falso pelo meu nome, pois profanaríeis o nome do vosso Deus. Eu sou o SENHOR. Não oprimirás o teu próximo, nem o roubarás; a paga do jornaleiro não ficará contigo até pela manhã. Não amaldiçoarás o surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus. Eu sou o SENHOR. Não farás injustiça no juízo, nem favorecendo o pobre, nem comprazendo ao grande; com justiça julgarás o teu próximo. Não andarás como mexeriqueiro entre o teu povo; não atentarás contra a vida do teu próximo. Eu sou o SENHOR. Não aborrecerás teu irmão no teu íntimo; mas repreenderás o teu próximo e, por causa dele, não levarás sobre ti pecado. Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o SENHOR.

⁴ Esta ideia de “central”, como também do uso das palavras *emoções-transcendência-atividades somáticas-vida lógica*, pertence ao José Marcos Silva, Igreja Batista do Coqueiral de Recife, em um material ainda não disponibilizado.

Para Jesus, “amar ao próximo como a ti mesmo” era praticar a justiça para com seus os seres humanos, sendo:

- Agir generosamente com os pobres e estrangeiros (Lv 19.9-10);
- Não roubar ninguém (Lv 19.11);
- Não ser enganoso no trato com as pessoas (Lv 19.11);
- Não jurar em nome de Deus (Lv 19.12);
- Não oprimir, roubar, ou explorar os pobres, pagando salários injustos (Lv 19.13);
- Não amaldiçoar ao surdo ou colocar uma pedra de tropeço diante do cego (Lv 19.14);
- Não ser parcial a favor pobre ou rico, mas agir com justiça (Lv 19.15);
- Não cometer fraude financeira (Lv 19.16);
- Não odiar seu irmão (Lv 19.17).
- Não procurar vingança ou guardar rancor, mas oferecer o perdão (Lv 19.18).

São essas questões que certamente estavam na mente de Jesus, ao afirmar que se deve “amar ao próximo como a ti mesmo”, ou seja, *um tratamento justo e equitativo*.

Temos a impressão de que Jesus tinha em mente tanto o *Jardim do Éden* como também aos *Dez Mandamentos*, ao resumir todos os mandamentos. Isso porque em ambos não existe dúvida de que tratam de *relacionamentos: com Deus e com o próximo*. No caso do *Jardim do Éden*, já descrito anteriormente, é o relacionamento harmônico do ser humano *para com Deus*; o relacionamento harmônico do ser humano *para com o próximo*; o relacionamento harmônico do ser humano consigo mesmo; e o relacionamento harmônico do ser humano *para com o meio ambiente* (seu habitat e ecossistema).

Nos *Dez Mandamentos*, os *quatro primeiros* tratam do *relacionamento com Deus* e os outros seis do *relacionamento com o próximo*. Nenhum relacionamento com o próximo será plenamente íntegro sem que o mesmo não proceda do relacionamento com Deus. Negar isto é negar a própria essência de natureza da *missio Dei*, e consequentemente, também a missão de Jesus e da igreja.

Relacionamento *com Deus*:

1. Não terás outros deuses além de mim;
2. Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor, o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e obedecem aos meus mandamentos;
3. Não tomarás em vão o nome do Senhor, o teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tomar o seu nome em vão;
4. Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou.

Relacionamento *com o próximo*:

1. Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá;
2. Não matarás;
3. Não adulterarás;
4. Não furtarás;
5. Não darás falso testemunho contra o teu próximo;
6. Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.

O *Grande Mandamento* declarado por Jesus certamente está relacionado ao *Shemá*. O *Shemá* refere-se à expressão: “Ouve, Israel” (ישראל שמע), que se encontra em Deuteronômio 6.4-9. Estas são as duas primeiras palavras da seção da Torá, que constitui a profissão de

fé central do monoteísmo judaico:

Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

E Jesus usa exatamente a ideia do *Shemá* para falar da primeira parte do *Grande Mandamento*, que se refere ao *relacionamento com Deus*:

Chegando um dos escribas, tendo ouvido a discussão entre eles, vendo como Jesus lhes houvera respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o principal de todos os mandamentos? Respondeu Jesus: O principal é: *Ouve, ó Israel*, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, *de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força*. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes (Mc 12.28-31).

É fundamental a percepção da *totalidade e integralidade* na relação do nosso amor para com Deus: é amor é de *TODO* o teu coração, de *TODA* a tua alma, de *TODO* o teu entendimento e de *TODA* a tua força. O *todo* não permite parcialidade. Ou se entrega e se relaciona totalmente com Deus ou não se entrega e não se relaciona! A palavra utilizada em Marcos, para *todo-toda*, no grego, é *oĵloj* (hólos) que significa “tudo, inteiro e completamente”. É daí que deriva a palavra “holismo” ou “holístico” que no início era utilizada para falar de “missão holística”, a qual mais tarde ficou mais conhecida como “missão integral”.

Assim, a ideia da *integralidade* está encharcada no *Jardim do Éden*, nos *Dez Mandamentos*, no *Shemá*, como também no *Grande Mandamento*.

Isso demonstra que noção de *integralidade* não é propriedade de nenhum movimento na história. É propriedade do amor de Deus ao seu povo e ao mundo – Deus que ama integralmente, plenamente e complementemente! Neste sentido não seria necessário falar de *missão*

integral, mas apenas de *missão*! Isso porque a *missão de Deus* é, em sua essência e dinâmica, *integral*. Tal perspectiva de *integralidade* também foi vista no povo de Deus, na história. Os Hebreus, diferentemente dos Gregos, tinham a percepção integral da vida, enquanto estes eram dicotômicos e dualistas: corpo-espírito; bem-mal, sagrado-profano, e coisas do tipo.

Por outro lado, é justo e honroso destacar o tremendo esforço realizado pela *Fraternidade Teológica Latino-Americana*, por demonstrar que o evangelho difundido e praticado na América Latina perdera a essência e noção bíblica da *integralidade*. Mais adiante destacarei que, antes do famoso *Congresso de Lausanne* (Lausanne I) acontecer, em 1974, quatro anos antes, em 1970, nascia a *Fraternidade dos Teólogos Latino Americana*, na cidade de Cochabamba (Bolívia), com um chamado claro para regatar a *missão de Deus* na perspectiva *integral*, que, pela providência de Deus, tornou-se um movimento de amor, sendo na época um esforço *profético, pedagógico e contextual*.

É um movimento *profético* porque justamente faz uma *denúncia dessa falta de integralidade* proposta nas Escrituras no exercício da missão. A missão, conforme ainda é compreendida por muitos, não compreende tal *integralidade* e, para muitos, ela é sinônimo de “salvar almas”.

Ouçamos o que afirmou o missiólogo David Bosch:

Os críticos da missão geralmente partem da suposição de que missão era apenas o quem os missionários ocidentais estavam fazendo em termos de salvar almas, implantar igrejas e impor seus métodos e vontades a outros. Jamais podemos, contudo, limitar a missão exclusivamente a esse projeto empírico; ela sempre foi maior do que o empreendimento missionário observável. É claro que tão pouco se deve divorciá-la completamente dele. Antes, missão é *missio Dei*, que procura englobar em si as *missiones ecclesiae*, os programas missionários da igreja. Não é a igreja que “empreende” a missão; é a *missio Dei* que constitui a igreja. A missão da igreja precisa ser constantemente renovada e repensada. Missão não equivale a competição com outras religiões, não é atividade de conversão, de expansão de fé, de edificação

do reino de Deus; tampouco é atividade social, econômica ou política.⁵

A igreja brasileira, a evangélica, em sua vasta maioria ainda vive e entende missão não de modo integral, como vimos nas Escrituras e em Jesus. Por isso, a justificativa da adição do adjetivo *integral*, que em si mesmo é uma *denúncia* da ausência desta perspectiva conforme percebida na Palavra de Deus e no ministério de Jesus, que “era um *profeta*, poderoso em *palavras* e em *obras* diante de Deus e de todo o povo” (Lc 24.19). O nosso Profeta certamente nos acusa profeticamente de não sermos como ele foi, porque todo “aquele que afirma que permanece nele, deve andar como ele andou” (1 Jo 2.6). E andamos no amor d’Ele:

Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos. Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade (1 Jo 3.16-17).

É um movimento *pedagógico* porque busca instruir o povo de Deus a realizar Sua missão com a mesma *integralidade* que Ele mesmo nos revelou em Sua Palavra. Um exemplo muito claro da integralidade pedagógica é visto na proposta de Lucas, em sua narrativa (Lucas-Atos). Havia um homem chamado Teófilo, que estava em dúvida sobre as coisas que lhe foram ensinadas. A quem Lucas recorre para sanar tais dúvidas? *Jesus!* E o que de Jesus? Lucas mesmo responde:

Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas (Lc 1.3-4).

A pergunta é: qual o conteúdo deste “relato ordenado” que seria entregue para Teófilo?

Em meu livro anterior, Teófilo, *escrevi a respeito de tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar*, até o dia em que foi elevado ao céu, depois de ter

⁵ BOSCH, David. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 618.

dado instruções por meio do Espírito Santo aos apóstolos que havia escolhido (At 1.1-2).

“Tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar” é, na compreensão de Lucas, o que traria a *asphaleia* (no grego: firmeza, certeza, verdade incontestável) para Teófilo. É o relato desta *integralidade* na e da vida de Jesus – “*fazer e ensinar*” – ações e palavras – que revelariam para Teófilo que Jesus é íntegro e, por conta disso, digno de ser confiado e imitado! É essa *coerência* que o *movimento da missão integral* busca revelar e incentivar. E essa *pedagogia* que revela ao incrédulo e ao incerto que as verdades são fruto da *Verdade* e que essa *Verdade* não é um conceito abstrato, mas uma *Pessoa*, cujo nome é *Jesus de Nazaré*, para que assim aquele que n’Ele crê não apenas tenha sua alma salva, mas d’Ele se torne um discípulo, porque ninguém pode participar em Cristo sem que também não participe no que Ele participa!

E é um movimento *contextual* porque busca responder as necessidades de uma geografia particular, a *América Latina*. A América Latina, antes (e em certa parte ainda hoje) era vista pelos de fora apenas como *campo da missão*. Especialmente a partir do CLADES (Congresso Latino-Americano de Evangelização) passa também a ser *campo (protagonistas) para a missão*. De recipiente se percebe também como agente da *missio Dei*. Para isso, os teólogos e missiólogos tiveram um longo caminho de *descolonização* ideológica que formatava a mente e o *modus vivendi* dos povos latino-americanos. Aquele sentimento de inferioridade de um povo *subdesenvolvido*, coisa de *terceiro mundo* e de *hemisfério sul*, precisa ser trabalhado de modo bíblico-teológico que leve em conta nossas geografias e desafios próprios. Coisa de gente ingrata? De teólogos xenófobos? Não! Coisa de gente que, assim como Lucas, reconhece seu valor e importância no Reino de Deus:

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, ... (Lc 1.1-3).

Teria sido Lucas ingrato com estes “muitos” que “se empreenderam (dedicaram) a elaborar uma narração” concernente a

Jesus? Óbvio que não. Mas ele, Lucas, se sentiu no direito de apresentar sua versão dos fatos. Por isso, diz eles, “igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito”. Do mesmo modo, esses teólogos latino-americanos, *testemunhas oculares* das situações da América Latina, como também *testemunhas do Senhor Jesus*, se levantam para serem protagonistas de suas próprias histórias diante da História que Deus realizaria na América Latina. E foi assim que, em 1970, na cidade de Cochabamba (Bolívia), surge a *Fraternidade dos Teólogos Latino-Americanos*, alguns deles delegados no Congresso de Lausanne, em 1974, considerado como o grande congresso *protagonista da missão integral*. Nunca nos esqueçamos de que as sementes foram plantadas em Cochabamba, mas que, através dos muitos recursos estrangeiros (Associação Billy Graham), se torna uma árvore em Lausanne. É certo que a glória pertence e sempre pertencerá a Deus, mas sejamos gratos aos nossos patriarcas que desbravaram caminhos que nos fizeram perceber que, sem a *integralidade do Evangelho*, as pessoas na América Latina não passariam de *almas sem corpos* e, por outro lado, de *corpos sem almas*. Só o Evangelho, e este o do Reino de Deus, produz boas novas integrais, que exigem de nós maturidade para contextualizá-lo sem sincretizar.

A *segunda* parte desta reflexão é sobre a percepção de Calvino quanto à *integralidade e os pobres*. Espero que as muitas (e necessárias) citações não desmotivem sua leitura. Esta segunda parte é mais uma *compilação* do que produção. Fiz de propósito para que pudéssemos ouvir do próprio Calvino e não as interpretações sobre ele (que também são válidas). Meu trabalho - e espero ter empreendido bem - foi buscar as recorrências de Calvino em seus quatro volumes de *As Institutas* e colocar aqui de tal modo que ajude a captar a percepção de Calvino nestes dois temas.

Antes, porém, julgo necessário refletir um pouco sobre os motivos que levou Calvino a escrever *As Institutas*, sendo a mesma *uma reposta contextual* em seu tempo.

Em cada geração, movimentos se levantam como respostas às necessidades de seu tempo. O mesmo se deu com a *Reforma Protestante* e seus articuladores. A Reforma Protestante surge a partir das preocupações e contingências da época. D. G. Hart, diretor de programas acadêmicos no *Intercollegiate Studies Institute*, em Filadélfia,

diz:

Logo depois do seu repúdio a Roma, Calvino escreveu a primeira edição das *Institutas da Religião Cristã*. Publicada somente em 1536, essa obra era uma defesa dos protestantes que estavam sendo perseguidos na França e serviu para convocar todos os cristãos a unirem-se à causa dos crentes perseguidos.⁶

Hart ainda afirma,

... as *Institutas* se tornaram um projeto vitalício para Calvino. Edições subsequentes foram preparadas em 1539, 1543, 1550 e 1559. Em cada edição, Calvino expandia e revisava o material com base em estudo posterior e mudanças das circunstâncias na igreja e na sociedade.⁷

Fica claro que Calvino foi contextual ao escrever *As Institutas*. Ela não surge do nada, nem mesmo de dentro de um escritório repleto de livros. Ela surge *da e para* a vida. Surge em função de seus compatriotas franceses, das demandas da igreja com olhar atento à sociedade de sua época, e mais tarde de uma “Genebra, um lugar que os historiadores haviam descrito como um centro de viver dissoluto”.⁸

Muitas vezes essas realidades contextuais passam despercebidas de sua obra, como também *para quem* ele escreveu:

Ao Mui Poderoso e Ilustre Monarca, FRANCISCO, Cristianíssimo Rei dos Franceses, seu Príncipe, JOÃO CALVINO roga paz e salvação em Cristo.⁹

Ouçamos o próprio Calvino sobre as circunstâncias em que a obra foi inicialmente escrita:

Quando, de início, tomei da pena para redigir esta obra, de nada menos cogitava, ó mui preclaro Rei, que escrever algo que, depois, houvesse de ser apresentado perante tua majestade. O intento era apenas ensinar certos rudimentos, mercê dos quais fossem instruídos em relação à verdadeira piedade quantos são

⁶ HART, D. G. “O reformador da fé e da vida”. In PASONS, Burk (Ed.). *João Calvino: amor à devoção, doutrina e glória de Deus*. São Paulo: Fiel, 2010, p. 68.

⁷ HART, 2010, p. 70.

⁸ HART, 2010, p. 75.

⁹ CALVINO, João. *As institutas ou tratado da religião cristã*. Edição clássica (latim), Tradução de Waldyr Carvalho Luz, São Paulo: Cultura Cristã, 2015, vol. 1, p. 23.

tangidos de algum zelo de religião. E este labor eu o empreendia principalmente por amor a nossos compatriotas franceses, dos quais a muitíssimos percebia famintos e sedentos de Cristo, pouquíssimos, porém, via que fossem devidamente imbuídos pelo menos de modesto conhecimento. Que esta me foi a intenção proposta, no-lo diz o próprio livro, composto que é em uma forma de ensinar simples e, por assim dizer, superficial. Como, porém, me apercebesse de até que ponto tem prevalecido em teu reino a fúria de certos degenerados, de sorte que não há neles lugar nenhum à sã doutrina, dei-me conta da importância da obra que estaria para fazer, se, mediante um mesmo tratado, não só lhes desse um compêndio de instrução, mas ainda pusesse diante de ti uma confissão de fé, mercê da qual possas aprender de que natureza é a doutrina que, com fúria tão desmedida, se inflamam esses tresloucados que, a ferro e fogo, conturbam hoje teu reino. Pois nem me envergonharei de confessar que compendiei aqui quase que toda a súpula dessa mesma doutrina que aqueles vociferam deveria ser punida com o cárcere, o exílio, o confisco, a fogueira, que deveria ser exterminada por terra e mar.

Há aqueles que, mesmo sendo Calvinistas, advogam a não necessidade da contextualização, afirmando apenas a necessidade da *aplicação*. Se Calvino estivesse em nossos dias, estou certo de que ele mesmo criticaria tal atitude errônea e os teria esclarecido de que seu esforço e obra nas *As Institutas* são fruto de análise de sua realidade e percepção que tinha da mesma. Isto certamente explica as razões das ênfases em determinados temas por ele tratado, como também a ausência de outros por não fazerem parte das necessidades de sua época. Por exemplo, seu esforço em reformar os padrões de participação na Ceia do Senhor, a relação igreja-estado, a distinção entre os que frequentavam em relação aos que não frequentavam, entre outros.

Passo agora a demonstrar, humildemente, a noção de *integralidade em Calvino* em sua obra vitalícia, *As Institutas*.¹⁰

¹⁰ Certamente seria muito interessante fazer o mesmo nas outras obras de Calvino, especialmente seus comentários bíblicos.

Conta-se a seguinte história:

Em 1536, aos vinte e sete anos de idade, Calvino estava viajando em Genebra, e Farel encontrou-o em uma pousada perto de um lago. Farel falou com ele sobre a situação da cidade, e chamou Calvino para acompanhá-lo na reconstrução da nação. Calvino tinha saúde fraca e sua única ambição naquele momento era para continuar seus estudos. Então ele disse a Farel, “Não, eu não posso fazer isso. Preciso descansar e preciso estudar”. Farel ficou muito irritado, apontou seu dedo evangelista para Calvino, e trovejou: “Que Deus amaldiçoe você e seus estudos se você não se juntar a mim aqui nesse trabalho que Ele também chamou você!” Essa ameaçadora maldição causou forte impressão em Calvino que ele a lembrou até o fim de sua vida. Ele consentiu em ficar e entregou sua vida a obra de Deus em Genebra.¹¹

O ministério pastoral de Calvino foi de fato *urbano*. Calvino percebeu que seu pastorado não podia ficar *confinado ao templo*. Antes, foi pastor de Genebra.

Genebra era uma cidade governada por concílios. Antes de Calvino não havia uma normatização legislativa organizada e explicitada para todos. Movido pelo seu zelo de sempre ser fiel ao ensino moral da Bíblia, e ajudado por seu conhecimento jurídico, ele foi o agente e mentor de várias mudanças políticas. É bem verdade que Calvino só foi chamado para se envolver ajudando na confecção do corpo de leis para a cidade, posteriormente à sua intensa atividade na reformulação da vida religiosa.¹²

Descrevendo este líder contextualizado com a realidade urbana de Genebra, Sérgio Lyra afirma:

Focalizando o nosso escopo geográfico urbano,

¹¹ BLOOMER, Thomas A. *Calvin and Geneva: nation-building missions*. 2008. Extraído de <http://www.biblicalworldview.com/Calvin_and_Geneva_Bloomer.pdf>. Acessado em 15 JAN 2015, 11h16.

¹² LYRA, Sérgio Paulo Ribeiro. *João Calvino: sua Influência na vida urbana de Genebra*. Extraído de <http://www.monergismo.com/textos/historia/calvino_genebra_sergio.htm>. Acessado em 01 AGO 2015.

lançaremos luz sobre a determinação de Calvino ser um líder cristão relevante e contextualizado em Genebra. Mesmo reconhecendo que a cidade já havia experimentado resultados transformadores fruto da sua adesão à fé reformada, através das pregações de Farel e do trabalho de Viret, algo ainda faltava à Genebra. Foi por essa razão que Farel insistentemente instou com Calvino para que ele decidisse ficar na cidade e ajudar na implementação de estruturas que refletissem os princípios da reforma protestante. A liderança organizadora, participativa e contextualizada de João Calvino produziu uma verdadeira reforma urbana em todos os níveis. Horcsik afirma que “o trabalho de Farel produziu um ‘santo triunvirato’ – Farel, Viret e Calvino. Eles eram complementares uns aos outros, bem como à congregação de Genebra e grandemente fortaleceram a Igreja”.

Porém, não foi o apelo intimidador de Farel o principal motivo que fez Calvino ficar em Genebra. De acordo com Alexander Ganoczy “Calvino não anuiu ao pedido de Farel até ele reconhecer a real situação de Genebra”. O próprio Calvino, 28 anos após sua decisão de assumir o desafio Genebrense, escreveu: “Quando na primeira vez vi a esta igreja, ela era praticamente nada. Eles pregavam e isto era tudo. Eles procuravam por ídolos e os destruíam, mas não havia a menor reforma. Tudo estava em desordem”. Calvino não era apenas um líder sensível e escrutinador das necessidades do seu contexto, ele era também um líder cujo preparo o habilitava a servir com probidade e capacidade. Foi por assim pensar que André Biéler no começo do seu livro *O Pensamento Econômico Social de Calvino* atesta que “não seria possível vislumbrar o pensamento econômico social do reformador sem vinculá-lo estreitamente aos principais acontecimentos sociais e religiosos do século XVI”.¹³

Com um olhar voltado agora para *As Institutas*, Calvino falando sobre o amor ao próximo, já que cada criatura humana espelha a majestosa imagem do Senhor, afirma:

Com efeito, para que não desanimemos em

¹³ LYRA, 2015.

fazer o bem [Gl 6.9], o que de outra forma necessariamente haveria de acontecer imediatamente, convém adicionar esse outro ponto que o Apóstolo menciona: que a caridade é paciente, não se irrita [1Co 13.4,5]. O Senhor preceitua que se deve fazer o bem a todos em geral, os quais em grande parte são muitíssimo indignos, se forem estimados em seu próprio mérito. Mas aqui a Escritura nos apresenta uma excelente razão, quando ensina que não se deve atentar para o que os homens mereçam em si próprios, pelo contrário, deve-se levar em conta a imagem de Deus em todos, à qual devemos toda honra e amor. Entretanto, essa mesma imagem deve ser mais diligentemente observada nos domésticos da fé [Gl 6.10], até onde foi ela renovada e restaurada pelo Espírito de Cristo.

Portanto, não podes negar aos homens que agora se acham diante de ti carecendo de tua ajuda, não tens motivo algum para que te furtas a assisti-los. Talvez digas que não passa de um estranho: o Senhor, no entanto, imprimiu-lhe um traço que para ti deve ser o de um membro da família, em razão do qual veda que desprezes tua própria carne [Is 58.7]; talvez digas ser ele desprezível e sem valor: o Senhor, no entanto, mostra que ele é um a quem dignou da honra de sua imagem; talvez digas que não estás em dívida ou obrigação para com ele: Deus, no entanto, como que o subestabelece em seu lugar, em relação a quem haverás de reconhecer tantos e tão grandes benefícios, com os quais ele o mantém sob obrigação para com ele; talvez digas que ele é indigno de que por sua causa faças sequer o mínimo esforço; digna, no entanto, é a imagem de Deus, pela qual ele te é recomendado para que te ofereças, a ti mesmo e a tudo o que tens. Ora, ainda quando não só não mereça nada de bom, mas até mesmo te haja provocado com injustiças e malefícios, na verdade esta não é um motivo justo por que o deixes de abraçar com amor e de cumulá-lo com os benefícios de tua estima [Mt 6.14; 18.35; Lc 17.3, 4]. Talvez digas: “No que me diz respeito, o que ele merece é muito diferente.” Mas, o que o Senhor realmente merece, quando ordena que sejas perdoado de tudo quanto o ofendeste, e que tudo lhe seja imputado? Com efeito, por esta única via se chega a isto: que é

absolutamente contrário à natureza humana, não só difícil, a saber, amarmos aqueles que nutrem ódio por nós, recompensando-lhes os males com benefícios, revidando com bênçãos aos insultos. Que nos lembremos de que não se deve atentar para a maldade dos homens; ao contrário, deve-se ter em mira a imagem de Deus neles, a qual, cancelados e apagados seus delitos, nos alicia a amá-los e abraçá-los com sua beleza e dignidade.¹⁴

A *imago Dei* na criatura humana é o que deve nos impulsionar ao amor ao próximo. Não é simplesmente um próximo que está diante de mim, mas *um ser humano com a imagem de Deus*. Calvino conclui que “é a imagem de Deus, pela qual ele te é recomendado para que te ofereças, a ti mesmo e a tudo o que tens”.

Ao perceber a ênfase que Calvino deu à *imago Dei*, podemos observar sua compreensão da *integralidade humana*. Radical e revolucionária é sua compreensão de *arrependimento*:

Portanto, interpreto o arrependimento com uma palavra: regeneração, cujo objetivo não é outro senão que em nós seja *restaurada a imagem de Deus*, a qual fora empanada e quase apagada pela transgressão de Adão.¹⁵ (ênfase minha)

Calvino vai chamar essa restauração em Cristo, o segundo Adão, de *completa integridade*, ou seja, *integralidade*:

Portanto, embora concordemos que a imagem de Deus não foi nele aniquilada e apagada de todo, todavia foi corrompida a tal ponto que, qualquer coisa que lhe reste, não passa de horrenda deformidade. E por isso o começo da recuperação da salvação o temos nesta restauração que conseguimos através de Cristo, o qual, por esta causa, é também chamado segundo Adão, visto que nos restitui a verdadeira e *completa integridade*.¹⁶ (ênfase minha)

E qual é o propósito da restauração? Calvino é direto ao afirmar que:

o propósito da regeneração é este: *para* que Cristo nos remolde à imagem de Deus. Assim é

¹⁴ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 167-168.

¹⁵ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 77.

¹⁶ CALVINO, 2015, vol. 1, p. 190.

que ensina, em outro lugar [Cl 3.10], que “o novo homem é renovado segundo a imagem daquele que o criou”, ao que se conforma essa *outra injunção*: “Revesti-vos do novo homem que foi criado segundo Deus” [Ef 4.24].

Para Calvino, *re-generar* o arrependido é *restaurar neste a imagem de Deus corrompida pelo pecado*. Em outras palavras, ver essa criatura em sua integralidade criada pelo próprio Deus-Criador. Não se trata aqui, na própria compreensão de Calvino, de “salvar alma” apenas. Mais profundo ainda é que Calvino não nega a dimensão progressiva do processo de restaurar a *imagem de Deus* no ser humano. Nós, brasileiros, temos a tendência de crer que isso de dá em um único momento e evento. Vejamos essa confissão de Calvino:

Ao afirmar que Deus restaura em nós sua imagem, *não nego que o faça progressivamente*; mas que, à medida que cada um *avança*, se aproxima mais da semelhança de Deus, e que tanto mais resplandece nele essa imagem de Deus [2 Co 4.16]. Para que os fiéis cheguem a este ponto, Deus lhes assinala o caminho do arrependimento pelo qual *percorram pela vida inteira* (ênfase minha).

Calvino entende que a sede (centro) da imagem de Deus está no *interior do ser humano*, o que ele chama de *alma* e que a imagem de Deus é *espiritual*. Diz ele:

Também daqui se colige sólida prova deste fato: lemos que o homem foi criado à imagem de Deus [Gn 1.27]. Ora, ainda que a glória de Deus refulja no próprio homem exterior, contudo não há dúvida de que a sede própria da imagem está na alma.¹⁷

... a imagem de Deus... é espiritual.¹⁸

Discorrendo sobre Adão, Calvino pontua que a integridade (ou integralidade) de que Adão fora dotado. Vejamos:

Consequentemente, com esta expressão [imagem de Deus] se denota a integridade de que Adão foi dotado, quando era possuído de reto entendimento, tinha as afeições ajustadas

¹⁷ CALVINO, 2015, vol. 1, p. 188.

¹⁸ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 188.

à razão, todos os sentidos afinados em reta disposição e, mercê de tão exímios dotes, verdadeiramente refletia a excelência de seu Artífice. E ainda que a sede primária da imagem divina tem de estar na *mente* e no *coração*, ou na *alma* e suas *faculdades*, contudo nenhuma parte houve, quanto ao *corpo*, em que não brilhassem certas centelhas. Certo é que até mesmo em cada porção distinta do mundo fulgem certos traços da glória de Deus, donde, uma vez que sua imagem está posta no homem, se pode concluir que subsiste tácita antítese que eleva o homem acima de todas as demais criaturas e como que o separa da massa vulgar. Aliás, nem se há de negar que os anjos foram criados à semelhança de Deus, visto que, segundo Cristo o atesta [Mt 22.30], nossa suprema perfeição será em fazer-nos semelhantes a eles. Nem em vão, porém, ressalta Moisés, mediante este designativo peculiar, imagem e/ou semelhança, a graça de Deus para conosco, especialmente quando o homem é comparado apenas às criaturas visíveis.¹⁹

Ao pesquisar o apóstolo Paulo, Calvino relaciona a imagem de Deus a mente, coração e saúde de *todas as partes* (integralidade) do ser humano:

Importa agora ver o que Paulo compreende especialmente sob esta renovação. Põe ele, em primeiro lugar, conhecimento; em segundo, sincera retidão e santidade. Do quê concluímos que, de início, *a imagem de Deus foi conspícua na luz da mente, na retidão do coração e na saúde de todas as partes do ser humano*. Ora, embora admita serem formas de expressão sinédóquicas²⁰, *o todo tomado pelas partes*, não se pode, entretanto, anular este princípio: o que é primordial na renovação da imagem de Deus também teve lugar supremo na própria criação. Ao mesmo propósito vem o que ensina em outra passagem: “Nós, a contemplar de face descoberta a glória de Cristo, estamos sendo transformados na mesma imagem” [2 Co 3.18]. Vemos, pois, que Cristo é a perfeitíssima imagem de Deus, conformados à qual somos de tal modo restaurados que trazemos a imagem

¹⁹ CALVINO, 2015, vol. 1, p. 188-190.

²⁰ De Sinédoque.

de Deus em verdadeira piedade, retidão, pureza, entendimento.²¹ (ênfase minha)

Como se pode perceber com a mais absoluta clareza, Calvino tem uma aprofunda consciência da importância da *imagem Dei*, pois para ele o amor ao próximo deve ser sem barreiras nem limites, já que em cada criatura humana se espelha a majestosa imagem do Senhor. Calvino afirma:

Com efeito, para que não desanimemos em fazer o bem [Gl 6.9], o que de outra forma necessariamente haveria de acontecer imediatamente, convém adicionar esse outro *ponto* que o Apóstolo menciona: que a caridade é paciente, não se irrita [1Co 13.4, 5]. O Senhor preceitua que se deve fazer o bem a todos em geral, os quais em grande parte são muitíssimo indignos, se forem estimados em *seu* próprio mérito. Mas aqui a Escritura nos apresenta uma excelente razão, quando ensina que não se deve atentar para o que os homens mereçam em si próprios, pelo contrário, deve-se levar em conta a imagem de Deus em todos, à qual devemos toda honra e amor.²²

O fazer o bem ao próximo, para Calvino, está condicionada à imagem de Deus. Consequentemente, não devemos nos desanimar em fazer o bem “a todos em geral”.

Entretanto, essa mesma *imagem* deve ser mais diligentemente observada nos domésticos da fé [Gl 6.10], até onde foi *ela* renovada e restaurada pelo Espírito de Cristo. Portanto, não podes negar aos homens que agora se acham diante de ti carecendo de tua ajuda, não tens motivo algum para que te furtas a assisti-los. Talvez digas que não passa de um estranho: o Senhor, no entanto, imprimiu-lhe um traço que para ti deve ser o de um membro da família, em razão do qual veda que desprezes tua *própria* carne [Is 58.7]; talvez digas ser ele desprezível e sem valor: o Senhor, no entanto, mostra que ele é *um* a quem dignou da honra de sua imagem; talvez digas que não estás em dívida ou obrigação *para com ele*: Deus, no entanto, como que o subestabelece em seu lugar, em relação a quem haverás de reconhecer

²¹ CALVINO, 2015, vol. 1, p. 190.

²² CALVINO, 2015, vol. 3, p. 167.

tantos e tão grandes benefícios, com os quais ele o mantém sob obrigação para com ele; talvez digas que *ele* é indigno de que por sua causa faças sequer o mínimo esforço; digna, no entanto, é a imagem de Deus, pela qual ele te é recomendado para que te ofereças, a ti mesmo e a tudo o que tens.²³

Calvino demonstra sua radicalidade em fazer o bem e abraçar com amor, mesmo em relação aos que nos provocam com injustiças e malefícios. E por quê? Porque “deve-se ter em mira a imagem de Deus neles”.

Ora, ainda quando não só não mereça nada de bom, mas até mesmo te haja provocado com injustiças e malefícios, na verdade esta não é um motivo justo por que o deixes de abraçar com amor e de cumulá-lo com os benefícios de tua estima [Mt 6.14; 18.35; Lc 17.3, 4]. Talvez digas: “No que me diz respeito, o que ele merece é muito diferente.” Mas, o que o Senhor realmente merece, quando ordena que sejas perdoado de tudo quanto o ofendeste, e que tudo lhe seja imputado? Com efeito, por esta única via se chega a isto: que é absolutamente contrário à natureza humana, não só difícil, *a saber*, amarmos aqueles que nutrem ódio por nós, recompensando-lhes os males com benefícios, revidando com bênçãos aos insultos. Que nos lembremos de que não se deve atentar para a maldade dos homens; ao contrário, deve-se ter em mira a imagem de Deus neles, a qual, cancelados e apagados seus delitos, nos alicia a amá-los e abraçá-los com sua beleza e dignidade.²⁴

Missão integral, a Imagem Dei e os pobres em João Calvino

CALVINO E OS POBRES

Na sua conclusão do primeiro volume de *As Institutas*, na carta ao Rei Francisco, escrita em Basileia, no dia 1º de agosto do ano de 1536, ele demonstra especial atenção aos pobres, dizendo:

Todavia, assim *será* que em nossa paciência possuamos nossas almas [Lc 21.19] e na forte mão de Deus esperemos, *mão* que, fora de dúvida, a *seu* tempo se manifestará, e armada se estenderá,

²³ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 167.

²⁴ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 168.

tanto para livrar aos pobres de *sua* aflição, quanto ainda para punir os desprezadores que, com tão segura confiança, estão agora a exultar.²⁵

Falando sobre o governo e juízo de Deus, diz que ele não se esquece de exercer “misericórdia aos pobres”:

Igualmente, nos fornece farta matéria para que consideremos sua misericórdia, quando muitas vezes não deixa de outorgar por tanto tempo sua misericórdia a pobres e miseráveis pecadores, até que, vencendo sua maldade com sua doçura e brandura mais que paternal, os atrai a si!²⁶

Ao mencionar os sofrimentos, perseguições e dano por causa da justiça, que, em vez de tristeza, nos deve ser motivo de grande conforto, que não devemos desanimar-nos ante os muitos reveses da vida. Assim afirma:

É verdade que a pobreza é um infortúnio, se é estimada em si mesma; de igual modo, o exílio, o desprezo, a prisão, a ignomínia; afinal, a própria morte é o extremo de todas as calamidades. Mas quando as bafeja o favor de nosso Deus, nada há nessas *coisas* que não se converta em grande bem e em nossa felicidade.²⁷

Sua consciência é que Deus está no controle de todas as coisas, e que necessário entender a diferença entre a noção cristã e o conceito filosófico da paciência ou resignação ante as adversidades da vida, inclusive a pobreza:

Portanto, as exortações cristãs à paciência são desta natureza: seja a pobreza, seja o exílio, seja a prisão, seja o vilipêndio, seja a doença, seja a perda de entes queridos, ou seja qualquer outra *coisa* semelhante que porventura nos faça sofrer, é preciso pensar que nada dessas *adversidades* acontece senão pelo arbítrio e providência de Deus; aliás, que ele nada faz que não seja por determinação justíssima.²⁸

Em relação aos humildes e soberbos (que são os *exultantes*, porque os homens felizes com a prosperidade costumam exultar), diz:

²⁵ CALVINO, 2015, vol. 1, p. 41.

²⁶ CALVINO, 2015, vol. 1, p. 68.

²⁷ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 178.

²⁸ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 182.

Quando o Senhor assim fala em Sofonias: “Removerei de ti o que exulta e deixarei no meio de teu povo um remanescente, o aflito e o pobre, e *estes* esperarão no Senhor” [Sf 3.11, 12], porventura *ele* não põe plenamente à mostra quem de fato são os humildes? Evidentemente, *aqueles* que jazem aflitos pelo reconhecimento de sua pobreza.²⁹

Aos humildes, porém, a quem resolve salvar, nada lhes resta senão esperar em no Senhor. Assim também em Isaías: “Mas, para quem olharei, senão para o pobrezinho, o contrito de espírito e que treme de minhas palavras?” [Is 66.2].³⁰

A *missão de Cristo* passa também pelos pobres, recipientes de “sua beneficência”:

Ora, para que ninguém o pusesse em dúvida, Cristo foi enviado pelo Pai com este mandato: proclamar boas-novas aos pobres, curar os quebrantados de coração, proclamar libertação aos cativos, abertura *de prisão* aos encarcerados, consolar aos que pranteiam; em lugar de cinza lhes desse glória, em lugar de luto, óleo, em lugar de espírito de tristeza, manto de louvor [Is 61.1-3]. Segundo este mandato, somente aos que lamentam exaustivamente e se sentem sobrecarregados *ele* convida a participarem de sua beneficência [Mt 11.28]. E, em outro lugar: “Não vim chamar os justos, mas os pecadores” [Mt 9.13].³¹

É surpreendente a presença do pobre na proposta prática de Calvino sobre as riquezas e tesouros do céu. Ele diz assim:

Se cremos que o céu é nossa pátria, é mais conveniente que transfiramos para lá nossas posses do que retê-las aqui, onde, por súbita migração, escapem de nosso poder. Como, porém, as transferiremos? Certamente compartilhando-nos com as necessidades dos pobres, aos quais tudo quanto se provê o Senhor computa *como* dado a ele mesmo [Mt 25.40]. Donde esta grandiosa promessa: “Aquele que ao

²⁹ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 229.

³⁰ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 229.

³¹ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 230.

pobre dá com liberalidade, a juros está dando ao Senhor” [Pv 19.17]. Igualmente: “Aquele que semeia generosamente, com abundância ceifará” [2Co 9.6].³²

Transferimos nossos tesouros para o céu quando “compartilhamos com as necessidades dos pobres”. Convoca a todos ao contentamento e um estilo de vida simples, como ele mesmo fez:

E assim, viva cada um em sua condição, ou pobremente, ou modestamente, ou abastadamente, de tal modo que todos se lembrem de que são por Deus alimentados para que vivam, não para que se esbaldem no luxo. E pensem que nisto consiste a lei da liberdade cristã: se aprenderam com Paulo que, nas circunstâncias em que se encontram, devem estar contentes, se sabem tanto ser humildes quanto viver em esplendor, se foram ensinados por toda parte e em todas *as coisas* a ter fartura, a ter fome, a ter abundância, a sofrer penúria [Ep 4.11,12].³³

Ao tratar das orações respondidas, ainda quando não conformadas ao preceito Divino, Calvino diz que:

à luz de provas claras se faz manifesto o que a Escritura ensina, isto é, que ele socorre aos miseráveis e ouve os gemidos daqueles que, injustamente aflitos, lhe imploram ajuda; por isso executa seus juízos, enquanto a ele sobem as queixas dos pobres, ainda que indignas de que alcancem sejam o que for.³⁴

Ainda falando sobre oração, ele menciona os pobres, sobre a necessidade de aliviar “a penúria de todos os pobres”:

Ora, ainda que *as orações* sejam concebidas em moldes individuais, porquanto para este escopo se dirigem, *elas* não deixam de revestir-se de teor universal. Tudo isto se pode entender facilmente com uma ilustração. É geral o mandado de Deus quanto a aliviar-se a penúria de todos os pobres, e de fato que se obedeçam a isto os que, para esse fim, socorrem a indigência daqueles que sabem ou veem sofrer, ainda que omitam a muitos que

³² CALVINO, 2015, vol. 3, p. 296.

³³ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 309.

³⁴ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 336.

são premidos de não menos dura necessidade, ou porque não *possam* conhecê-los a todos, ou porque não *possam* atender a todos.³⁵

E também na oração do “Pai Nosso”, destacando o “pão nosso”, ele afirma:

E, conseqüentemente, esta liberalidade divina é necessária não menos para os ricos do que para os pobres, porque, de celeiros e depósitos cheios, desfaleceriam sedentos e famintos, a menos que fruissem de seu pão por mercê de sua graça.³⁶

E mesmo quando parece que Deus não ouve nossas orações, mesmo assim requer-se constância e perseverança de nossa parte no exercício da oração. E mais uma vez ele se lembra daqueles que estão na condição de pobreza:

E assim ele fará com que na pobreza *possuamos* abundância, na aflição tenhamos consolação. Ora, ainda que todas *as coisas* falhem, contudo, Deus nunca nos haverá de desamparar, o qual não pode frustrar a expectativa e a paciência dos seus.³⁷

Ao tratar dos ofícios, um tema muito caro para Calvino, fala dos bispos, “ministros da Palavra”. Ele entende que “há dois [ofícios] que permanecem perpetuamente: *governo e cuidado dos pobres*”.³⁸ Em relação ao “cuidado dos pobres”, Calvino diz:

O cuidado dos pobres foi confiado aos diáconos. Todavia, na *Epístola aos Romanos* *lhes* são atribuídas duas modalidades: “*Aquele que distribui*”, diz Paulo aí, “faça-o com simplicidade; *aquele que exerce misericórdia, com alegria*” [Rm 12.8]. Uma vez que certamente ele está falando dos ofícios públicos da Igreja, necessariamente houve dois graus distintos *de diáconos*. A não ser que me engane o juízo, no primeiro membro *da cláusula* ele designa os diáconos que administravam as esmolas; no segundo, porém, aqueles que se dedicaram a cuidar dos pobres e dos enfermos, como, por exemplo, as viúvas das quais faz menção a Timóteo [1Tm 5.9,10].

³⁵ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 365.

³⁶ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 372.

³⁷ CALVINO, 2015, vol. 3, p. 381.

³⁸ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 71.

E quais são as responsabilidades dos diáconos para com os pobres?

... duas serão as modalidades de diáconos, dos quais uns servirão à Igreja na administração das coisas relativas aos pobres; outros, cuidando dos próprios pobres. Mas, ainda que o próprio termo *diakonia* tenha sentido mais amplo, contudo a Escritura denomina especialmente diáconos aos que são constituídos pela Igreja para distribuir esmolas e cuidar dos pobres, como seus procuradores.³⁹

E ele ainda enfatiza o cuidado dos pobres:

Pois assim se lê nos cânones que atribuem aos apóstolos: “Preceituamos que o bispo tenha em seu poder as coisas da Igreja. Ora, se lhe foram confiadas as almas dos homens, mais preciosas, muito mais cabível é que exerça ele o cuidado dos fundos, para que, de seu poder, todas as *coisas* sejam dispensadas aos pobres por intermédio dos presbíteros e diáconos, de modo que se ministre com temor e toda solicitude”.⁴⁰

Calvino dava por assentado e, sem dúvida, este ofício do cuidado dos pobres pelos diáconos, que eram “os ecônomos dos pobres”.

E no Concílio de Antioquia foi decretado que fossem freados os bispos que tratavam das coisas da Igreja sem o conhecimento dos presbíteros e dos diáconos. Mas, não há por que discutir-se mais longamente acerca disto, quando se manifesta de numerosas epístolas de Gregório que também nesse tempo, quando, de outra sorte, as ordenanças eclesiásticas haviam sido muito deturpadas, no entanto esta observância havia perdurado: que os diáconos, debaixo *da autoridade* do bispo, fossem os ecônomos dos pobres.

Se “esta observância havia perdurado” no tempo de Calvino, não creio que podemos dizer o mesmo e ter tanto segurança nos dias atuais. O ofício do diaconato ainda longe está de ser um “ecônomo dos pobres”. O diaconato está muito mais para um “ecônomo das portas

³⁹ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 71.

⁴⁰ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 81.

da igreja”, entregando boletins, arrumando lugares para as pessoas sentarem, expulsarem bêbados do templo e coisas do tipo.

Além disso, Calvino expõe um conceito sobre o uso e administração dos bens da igreja, que devem ser votados primariamente ao socorro dos pobres, e também até onde se fazia necessário o sustento dos ministros.

Daqui pode-se também ajuizar qual foi o uso dos bens eclesiásticos e em que moldes *era* sua administração. A cada passo se pode encontrar, tanto nos decretos dos sínodos, quanto nos escritores antigos, que tudo quanto a Igreja possui, seja em propriedade, seja em dinheiro, é patrimônio dos pobres. E assim frequentemente ali é entoada esta cantilena aos bispos e diáconos: que se lembrem que estão a manejar não valores próprios, mas os destinados à necessidade dos pobres; *valores* que, se de má fé são suprimidos ou dilapidados, se constituem réus de sangue. Daí serem admoestados a que, com sumo tremor e reverência, como à vista de Deus, os distribuam, sem acepção de pessoas, àqueles a quem se devem.⁴¹

Afirmar que “que tudo quanto a Igreja possui, seja em propriedade, seja em dinheiro, é patrimônio dos pobres”, que os bispos e diáconos “lembrem que estão a manejar não valores próprios, mas os destinados à necessidade dos pobres”, e, por conseguinte, que os “*valores* que, se de má fé são suprimidos ou dilapidados, se constituem réus de sangue” é absolutamente revolucionário. Certamente Calvino teria sido chamado de marxista nos dias atuais!

O cuidado era tal que o próprio ministro da palavra era exortado a manter um bom exemplo (de frugalidade) e testemunho neste assunto:

Entrementes, tomava-se cautela, no entanto, para que os próprios ministros, que devem dar aos outros exemplos de frugalidade, não tivessem em demasia de onde usassem mal para luxo ou prazeres; antes, *tivessem* apenas com que fizessem frente à sua necessidade. “Ora, os clérigos que podem ser sustentados pelos bens dos pais”, diz Jerônimo, “se recebem o que é dos pobres, cometem sacrilégio e, por abuso desta

⁴¹ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 82.

natureza, comem e bebem juízo para si” [1Co 11.29].⁴²

Os *fundos (rendas)* da igreja eram destinados a quatro finalidades distintas:

No princípio, a administração *dos fundos da Igreja* foi livre e voluntária, quando os bispos e diáconos de si mesmos fossem fiéis, e no lugar das leis estivessem a integridade de consciência e inocência de vida. Mais tarde, como emergissem da cobiça ou esforços corruptos de uns certos maus exemplos, para corrigir esses vícios foram elaborados cânones que dividiram as rendas da Igreja em quatro partes, das quais destinaram uma aos clérigos; outra, aos pobres *da Igreja*; a terceira, a manter bem conservados os templos sagrados e outros edifícios; a quarta, porém, tanto a forasteiros quanto a nativos necessitados.

Quatro finalidades das rendas da igreja:

- (1) sustento dos clérigos;
- (2) sustento dos pobres;
- (3) manutenção dos templos e outros edifícios;
- (4) ajuda aos forasteiros e aos nativos necessitados.

Eis aí um desafio para a igreja contemporânea: renda para o sustento dos pobres, dos imigrantes e necessitados! E Calvino destaca alguns exemplos práticos de tal amor aos pobres como Cirilo, Acácio, Jerônimo, Exupério:

Assim sendo, Cirilo, como a fome houvesse ocupado a província de Jerusalém, nem se podia de outra maneira acudir à indigência, mercenciou vasos e vestes e gastou *o produto* na alimentação dos pobres. De igual modo, Acácio, bispo de Amida, quando grande multidão de persas esteve a ponto de perecer de fome, convocando os clérigos e fazendo esta preclara oração: “Nosso Deus não tem necessidade nem de pratos, nem de cálices, porque não come, nem bebe”, fundiu os vasos, de onde conseguisse para os míseros não só o alimento, mas também preço de resgate. Jerônimo também, enquanto investe contra o exagerado esplendor dos templos, faz menção honorífica a Exupério, bispo de Tolosa,

⁴² CALVINO, 2015, vol. 4, p. 82.

de seu tempo, que carregava o corpo do Senhor em um cesto de vime e o sangue em um vidro, mas não permitia que nenhum pobre passasse fome.⁴³

São por demais confrontadoras esta série de perguntas feitas por Calvino:

A Igreja tem ouro, não para que o conserve, mas para que o gaste e venha em socorro das necessidades. Que proveito há em guardar o que nada ajuda? Porventura ignoramos quanto de ouro e de prata os assírios arrebataram do templo do Senhor [2Rs 18.15,16]? Porventura não os funde melhor o sacerdote com vistas ao sustento dos pobres, se outros recursos faltem, que embora os carregue o inimigo sacrílego? Porventura não haverá de dizer o Senhor: “Por que permitiste que morressem de fome tantos necessitados? E por certo que tinhas ouro donde ministrassem o alimento! Por que tantos foram levados cativos, nem *foram* redimidos? Por que tantos foram mortos pelo inimigo? Melhor fora que preservasses os vasos de vivos que os de metais”. A estas *coisas* não poderás dar resposta, pois que haverias de dizer? “Temí que faltasse ornamento ao templo de Deus”. Responderia *ele*: “Os sacramentos não requerem ouro, nem com ouro as *coisas* agradam que com ouro não se comprem. O ornato dos sacramentos é a redenção dos cativos”. Em suma, vemos ter sido muito verdadeiro o que em outro lugar diz o mesmo *Ambrósio*: “Tudo quanto então possuísse a Igreja veio a ser pecúlio dos carentes”. De igual modo: “O bispo nada tem que não seja dos pobres”.⁴⁴

“Tudo quanto então possuísse a Igreja veio a ser pecúlio dos carentes”. De fato, vivemos em outro tempo!

As decisões dos Concílios passados parecem ter um especial apreço e cuidado com os pobres:

No Concílio de Calcedônia, no entanto, foi sancionado em contrário que não se façam ordenações “absolutas”, isto é, que aos ordenados se designe ao mesmo tempo um lugar onde exerçam seu ofício. Este decreto é

⁴³ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 83-84.

⁴⁴ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 84.

assaz útil por dupla razão: *primeiro*, para que não se onere as igrejas com gasto supérfluo, e com homens ociosos não se gaste o que deve ser distribuído aos pobres; *segundo*, que aqueles que são ordenados ponderem que não estão sendo promovidos a uma honra, mas estão recebendo um ofício a desempenhar, ao qual são obrigados por solene testificação.⁴⁵

Confesso que não me lembro de ter participado em algum Concílio que tratasse com tanto cuidado dos pobres, algo que também o próprio *Concílio de Jerusalém* fez com o apóstolo Paulo: “recomendando-nos [o Concílio] somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer” (Gl 2.10). Tratamos de tantas burocracias que o pobre passa ao largo.

Calvino fez severas críticas ao diaconato subsistente na ordem sacerdotal papista, afirmando que a mesma era uma total deturpação do ofício instituído pelos apóstolos. Ele assim expressa sua indignação:

Então venham à frente os diáconos com aquela mui santa distribuição que têm dos bens eclesiásticos. Ainda que eles não ordenem seus diáconos para isto; pois não os incumbem de outra *coisa* senão que ministrem diante do altar, recitem ou cantem o evangelho e façam não sei que ninharias afins. Nada de esmolos, nada de cuidado dos pobres, nada de toda aquela função que outrora desempenhavam. Estou falando da instituição propriamente dita, porquanto, se olharmos para o que fazem, na realidade o que exercem não é um ofício, mas apenas um passo para o presbiterato. Em uma só coisa representam fútil simulacro da antiguidade *aqueles* que na missa têm o lugar de diácono, porque recebem as oblações antes da consagração. Mas o costume antigo era que, antes da comunhão da Ceia, os fiéis se osculavam mutuamente e ofereciam esmolos no altar. Desta maneira davam testemunho de seu amor, primeiramente pelo sinal, e em seguida pela obra. O diácono, que era o ecônomo dos pobres, recebia o que estava sendo dado a fim de o distribuir. Agora, com essas esmolos não chegam mais aos pobres do que se fossem

⁴⁵ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 94.

atiradas ao mar. Portanto, zombam da Igreja com este vão pretexto de diaconato. Certamente não há nele nada da instituição apostólica, nem têm nenhuma semelhança com a observância antiga.⁴⁶

A crítica e percepção de Calvino são muito atuais (claro que levando em consideração o fato de que estava falando da missa). É nítida ainda nas igrejas que são estruturas com diáconos e presbíteros a ideia de que o *ofício de diácono* é um pré-requisito para o *ofício de presbítero*, como se fosse um trampolim, um degrau para subir na escada do status eclesiástico. Calvino fala como se fosse “apenas um passo”:

Estou falando da instituição propriamente dita, porquanto, se olharmos para o que fazem, na realidade o que exercem *não é um ofício, mas apenas um passo para o presbiterato*.⁴⁷ (ênfase minha)

Sua crítica é ainda mais dura quando denuncia que os fundos destinados à assistência aos pobres são apropriados sacrilegamente pelo clero para seus fins pessoais. Confirma tal denúncia profética:

Aqui, todas essas normas antigas que expusemos foram não apenas conturbadas, mas até inteiramente mudadas ou abolidas. A maior parte *dos fundos e bens destináveis aos pobres* os bispos e presbíteros urbanos, que se tornaram ricos com essa presa, se transformaram em canônicos, a açambarcaram entre si.⁴⁸

Se interpreto de modo correto, a denúncia de Calvino é que os bispos e presbíteros urbanos ficaram ricos às custas dos pobres – “que se tornaram ricos com essa presa”. “Se transformaram em canônico” o uso de tais recursos (fundos) para si mesmos, desprezando os cânones das quatro finalidades das rendas da igreja, conforme aqui já expostas, a saber: (1) sustento dos clérigos; (2) sustento dos pobres; (3) manutenção dos templos e outros edifícios; (4) ajuda aos forasteiros e aos nativos necessitados.

Por essa razão, podemos imaginar o rubor no rosto de Calvino ao afirmar que tais pessoas não passam de ladrões e assaltantes e exige deles uma simples resposta: “Respondam-me de forma bem sucinta se

⁴⁶ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 103.

⁴⁷ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 103.

⁴⁸ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 103.

porventura o diaconato seja a liberdade de roubar e assaltar”:

Pergunto: se tivessem no coração uma só centelha de temor de Deus, porventura, suportariam o senso de que tudo quanto comem e de que são vestidos provém de furto, mais ainda, de sacrilégio? No entanto, visto que se deixam mover bem pouco pelo juízo de Deus, deveriam ao menos refletir que *aqueles* a quem querem persuadir de que em sua Igreja existem ordens tão belas e dispostas, como costumam alardear, são homens dotados de senso e razão. Respondam-me de forma bem sucinta se porventura o diaconato seja a liberdade de roubar e assaltar. Caso neguem isto, serão ainda compelidos a confessar, quando entre eles toda a administração dos bens eclesiásticos foi abertamente convertida em sacrílega pilhagem: não existe nenhum diaconato remanescente.⁴⁹

A esplêndida expressão utilizada no Sínodo de Aquileia foi subvertida: “Gloriosa é a pobreza nos sacerdotes do Senhor”:

Mas, de fato, quanto os sacerdotes não excederam então em riquezas supérfluas, bastaria só aquela expressão do Sínodo de Aquiléia, a que Ambrósio declara: Gloriosa é a pobreza nos sacerdotes do Senhor. De fato, os bispos tinham, então, algumas riquezas mercê das quais podiam exibir ostensivamente a honra da Igreja, se houvessem pensado serem estes os verdadeiros ornamentos da Igreja. Entretanto, como nada reconhecessem ser mais oposto ao ofício de pastores que esplender e enfatuar-se nos regalos das mesas, na pompa das vestes, no grande séquito de fâmulos, nos palácios magníficos, seguiam e cultivavam a humildade e a modéstia, mais ainda, a própria pobreza que Cristo consagrou entre seus ministros.⁵⁰

E seu tom de denúncia profética continua. Agora é a vez do templo! Estes passaram a serem os beneficiários dos fundos eclesiásticos. Estes fundos eram aplicados ao luxo, ao esplendor, à ostentação dos templos e santuários em detrimento da assistência aos pobres e necessitados. O próprio Calvino já percebe que está muito impaciente sobre esse assunto:

⁴⁹ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 104.

⁵⁰ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 105.

Com efeito, para que não sejamos mais prolixos aqui, de novo reunamos em breve síntese quão longe está da verdadeira diaconia, a qual a Palavra de Deus não só nos recomenda, mas também a Igreja antiga observou, essa que agora é ou dispensação, ou dissipação dos bens eclesiásticos. O que se confere ao ornato de templos digo ser indevidamente depositado, caso não seja aplicada essa moderação que não só prescreve a própria natureza das *coisas* sagradas, mas ainda, tanto por meio do ensino quanto por meio de exemplos, os apóstolos e outros santos pais prescreveram. O que, porém, se contempla hoje nos templos? Digo que foi rejeitado tudo quanto se conformava não àquela ínfima frugalidade, mas a alguma honesta moderação. Nada, absolutamente, agrada senão o que vise ao luxo e à corrupção dos tempos. Enquanto isso, tão longe está de que nutram justa preocupação pelos templos vivos, que antes permitam que pereçam de fome muitos milhares de pobres do que gastarem o menor cálice ou jarrinho para mitigar-lhes a penúria.

Calvino critica o uso abusivo dos fundos sendo aplicados ao luxo dos templos em detrimento da “honesta moderação” e o mais trágico, desviando tais fundos dos verdadeiros beneficiários, os “templos vivos”, a saber, “milhares de pobres” que “perecem de fome”.⁵¹

Uma coisa é consequência da outra. Se os fundos eram aplicados nos bispos e presbíteros urbanos, consequentemente também partes destes fundos iam para seus templos, ornamentando-os, pois em assim fazendo, poder e status eclesiástico lhes eram conferidos. É a lógica do mercado! Não é assim mesmo? Não tem maior honra e glória entre nós aqueles que pastoreiam grandes centros e grandes (numericamente falando) igrejas? Faço esta distinção pelo fato de que *nem toda igreja grande é uma grande igreja aos olhos de Deus*.

Não é pertinente aqui se lembrar da *Igreja de Laodiceia*. Ela em sua arrogância foi duramente denunciada e confrontada por Jesus:

... pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu. Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para

⁵¹ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 106.

te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas. Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te (Ap 3.17-19).

Algo que chama a atenção nesta severa crítica de Calvino ao sistema religioso de sua época é que sua proposta de reforma estava contemplada os “templos”, pois neles se desvirtuavam os recursos que deveriam ser destinados aos pobres:

Com efeito, enquanto querem poupar para si *próprios* mediante superstição, induzem o povo a que se construam templos, que se erijam imagens, a que se comprem vasos, a que se preparem vestes caras, *desviando assim o que era para ser distribuído aos pobres*. Assim sendo, neste sorvedouro são tragadas as esmolas de cada dia.⁵² (ênfase minha)

“Sorvedouro” é um redemoinho de água que se forma no mar ou no rio e leva as coisas vorazmente para o fundo, é literalmente, na expressão mais comum a nós, “um saco sem fundo”. O dinheiro que entra no saco para ajudar o pobre é pego por outra mão no fundo “desviando assim o que era para ser distribuído aos pobres”.

Ainda na tônica desta denúncia contra a opulência principesca de bispos e clérigos em agudo contraste com a sobriedade preceituada na Escritura e nos cânones antigos, Calvino evoca o que Jerônimo escreveu ao sacerdote Nepociano:

Ora, talvez repudiarão como demasiado austero aquilo que Jerônimo preceitua a Nepociano: que os pobres e peregrinos conheçam sua mesa modesta e que Cristo conviva com eles. Com efeito, terão eles vergonha de rejeitar o que *Jerônimo* adiciona logo a seguir, que a glória do bispo é prover os haveres dos pobres, e que a ignomínia de todos os sacerdotes é diligenciar pelas riquezas pessoais. Eles, porém, não podem admitir isto sem que todos se condenem à ignomínia. Contudo, aqui não se faz necessário persegui-los mais duramente, quando outra *coisa* não querem senão demonstrar que entre eles desde muito já foi detraída a ordem legítima do diaconato, de sorte que não

⁵² CALVINO, 2015, vol. 4, p. 106.

mais se ensoberbeçam com este título para recomendação de sua Igreja.⁵³

E a conclusão do próprio Calvino foi: “Creio que este ponto está sobejamente discutido”.⁵⁴ E com exceção da menção a Bernard de Clareval (a seguir), de fato Calvino não mais mencionou o assunto dos pobres por ter anteriormente tratado extensivamente, conforme aqui demonstrado.

E finalmente, ao mencionar o libelo (acusação) de Bernardo de Clareval (1091–1153) quanto ao deplorável estado da igreja de seu tempo, sob a luva de ferro papal, sendo a sé romana o foco de toda corrupção, Calvino diz:

Ele [Bernardo de Clareval] clama que a Igreja estava repleta de ambiciosos, que não mais havia quem tremesse em perpetrar escândalos como ladrões em um covil, quando distribuem os despojos dos viajores *assaltados*... “Que é isto, que de despojos das igrejas são comprados esses *aduladores* que te dizem: ‘Muito bem, muito bem?’” *A vida dos pobres é semeada nas praças dos ricos*, reluz a prata no lodo, de toda parte para aí se corre, a apanha não o mais pobre, mas o mais forte; ou, o que talvez mais depressa corre à frente. De ti, contudo, não vem este proceder, ou, antes, esta morte; meu desejo é que tu [Rei Francisco] o faças cessar! (ênfase minha).⁵⁵

Não nos resta dúvida quanto à centralidade dos pobres na teologia social de Calvino. Esse aspecto, contudo, pouco é divulgado. Em seu artigo *Amando a Deus e ao próximo: João Calvino e o diaconato em Genebra*, Alderi Souza de Matos conclui dizendo:

Existe uma coerência fundamental entre as ideias de João Calvino a respeito de dinheiro, pobreza e ética cristã, por um lado, e as práticas beneficentes da Igreja Reformada de Genebra, por outro lado. Calvino não somente escreveu e pregou amplamente sobre o assunto, mas, juntamente com os outros pastores locais, pressionou repetidamente as autoridades locais

⁵³ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 106.

⁵⁴ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 106.

⁵⁵ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 138.

para que protegessem os pobres e adotassem leis que favorecessem a beneficência.⁵⁶

Estou plenamente de acordo com Alderi Souza de Matos, ao afirmar:

Em conclusão, é estimulante ver o lugar de destaque dado por Calvino às preocupações sociais tanto na sua teologia de maneira geral como nas suas práticas ministeriais na cidade de Genebra. *Este é um precioso legado que necessita ser redescoberto e resgatado por seus herdeiros contemporâneos, numa época em que muitas igrejas evangélicas e reformadas têm se esquecido das suas responsabilidades nessa área.*⁵⁷ (ênfase minha)

De fato, muito que se consideram Calvinistas e Reformados possuem ministérios que jamais chegaram perto dos pobres, quer seja na prática eclesial, pregações e teologia. Talvez se explique pelo fato de que

existem muitos que se declaram calvinistas, mas têm um calvinismo superficial, que não vai além da afirmação dos cinco pontos, ou da última conferência da qual participaram, ou da longo lista de teólogos calvinistas que podem citar em oposição a uma lista correspondente de teólogos não-calvinistas.⁵⁸

Ou ainda se explique o que Christopher Catherwood afirma em seu livro *Five Leading Reformers*, sobre dois tipos de calvinistas: os “calvinistas bíblicos” e os “calvinistas de sistema”. Catherwood afirma: “Temos de ser “calvinistas bíblicos” e não “calvinistas de sistema”.⁵⁹

Dura essa crítica de Burk Parsons, pastor na *Saint Andrew's Chapel*, em Sanford, Flórida, porém pertinente e necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa humilde pesquisa, que na segunda parte dela é muito mais uma *compilação* do que uma reflexão minha propriamente dita,

⁵⁶ MATOS, Alderi Souza de. Extraído de <<http://www.mackenzie.br/15916.html>>. Acessado em 02 AGO 2015.

⁵⁷ MATOS, 2015.

⁵⁸ PARSONS, Buk (Ed.). A humildade do calvinismo de Calvino. In *John Calvin a heat for devotion, doctrine & doxology*. São Paulo: Fiel, 2010, p. 29-30.

⁵⁹ PARSONS, 2010, p. 30.

revelou-me algo que eu já desconfiava em relação ao que se escreve sobre Calvino: *as escolhas seletivas de seus temas reforçam o que dele se quer destacar e caricaturas injustas*. Relato apenas um exemplo. Em 2010 a Editora Fiel publicou o livro *João Calvino: amor à devoção, doutrina e glória de Deus*⁶⁰ que possivelmente no título em inglês quis didaticamente enfatizar 3 d's: devoção, doutrina e doxologia. Procurei neste livro algumas referências que pudessem me ajudar a entender ainda mais o Calvino *pastor* em sua relação com os pobres, mas a única referência que achei foi esta:

Calvino decidiu o ofício do diácono em duas ordens. Uma gerenciava os recursos da igreja e fornecia supervisão administrativa. A segunda ordem cuidava dos enfermos e necessitados, liderando a igreja no ministério de misericórdia. Os diáconos de misericórdia estabeleceram um hospital de caridade, um hospital para os itinerantes e, eventualmente, um hospital que tratava das vítimas da praga. Eles também proveram médicos, cirurgiões e enfermeiras para cada paróquia e cuidado médico para os pobres.⁶¹

Encontrei, neste livro, ênfases no Calvino pastor como líder, pregador, mestre, escritor, evangelista, missionário. No capítulo *A verdadeira vida cristã*⁶² nenhuma menção aos pobres, mas apelo à santidade, renúncia, cruz. O capítulo *O conselheiro dos aflitos*⁶³ tinha grande potencial para pelo menos incluir os pobres em sua aflição. Nada! Focou nos perseguidos pela religião.

Parece-me muito pertinente concluir esta singela reflexão com o próprio Calvino. Ele disse que:

este reino *espiritual* começa justamente aqui na terra em nós uma certa prelibação⁶⁴ do reino celeste, e de certo modo auspícia nesta vida mortal e passageira a bem-aventurança imortal e incorruptível. Mas o objetivo do governo

⁶⁰ Tradução do inglês: *John Calvin a heat for devotion, doctrine & doxology*, editado por Buk Parsons.

⁶¹ REEDER, HARRY L. "O clérigo da Reforma". In PASONS, Burk (Ed.). *João Calvino: amor à devoção, doutrina e glória de Deus*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010, p. 269.

⁶² De Jerry Bridges, p. 243-252.

⁶³ De W. Robert Godfrey, p. 107-116.

⁶⁴

Antegoço.

temporal é manter e conservar o culto divino externo, a doutrina e religião em sua pureza, o estado da Igreja em sua integridade, levar-nos a viver com toda justiça, segundo o exige a convivência dos homens durante todo o tempo que vivermos entre eles, instruir-nos numa *justiça social*⁶⁵, fomentar a harmonia mútua, manter e conservar a paz e tranquilidade comuns, coisas essas que reconheço serem supérfluas, se o reino de Deus, como ora se acha entre nós, extingue a presente vida.⁶⁶ (ênfase minha)

É muito fácil se aproximar de *As Institutas* de Calvino sem perceber ou esquecer-se do seu mais íntimo desejo para com elas, que foi:

O Senhor, Rei dos reis, te firme o trono na justiça [Pv 25.5] e o solidifique na equidade, ó mui ilustre Rei.

É óbvio que isso em nada diminui a importância dos aspectos bíblico-teológicos expostos por Calvino, os quais serviram e servem ainda hoje. Pelo contrário, os fazem crescer seu esforço de ver a justiça de Deus reinar:

A glória de Deus é encobrir as coisas, mas a glória dos reis é esquadrihá-las. Como a altura dos céus e a profundidade da terra, assim o coração dos reis é insondável. Tira da prata a escória, e sairá vaso para o ourives... (Pv 24.3-5).

O contexto desse versículo é sobre a *glória de Deus*, tema tão caro para Calvino. Sua dedicatória traz em si uma especial recomendação ao *Rei Francisco* da França:

... tira o perverso da presença do rei, e o seu trono se firmará na justiça (Pv 24.5).

É como se Calvino estivesse dizendo que, se o Rei Francisco que receber glória (“como a altura dos céus e a profundidade da terra, assim o coração dos reis é insondável”), precisa fazer com que seu trono seja um firme *trono de justiça*. E ao perceber o tanto quanto Calvino se preocupou com os *pobres*, ninguém precisa de um esforço hercúleo para perceber o recado que Calvino estava fazendo ao rei

⁶⁵ Se não me equivoco, está é a única menção da expressão “justiça social” das *Institutas*.

⁶⁶ CALVINO, 2015, vol. 4, p. 453.

para que ele não se esquecesse especialmente dos pobres e assim seu trono seria de fato um “trono de justiça”.

E vivendo nesta tensão entre o “já” e “ainda-não”, o reino celeste e o reino terrestre, onde neste somos chamados ao exercício da *justiça social*, conforme Calvino nos incentivou a “viver com toda justiça, segundo o exige a convivência dos homens durante todo o tempo que vivermos entre eles, instruir-nos numa *justiça social*”, como expressão autêntica do reino de Deus. Calvino afirma que Deus não só criou este mundo, mas que também

... de tal forma o sustém por *seu* imenso poder; o regula por *sua* sabedoria; o preserva por *sua* bondade; rege com *sua* justiça e equidade especialmente ao gênero humano; suporta-o em *sua* misericórdia; guarda-o em *sua* proteção; mas, ainda que em parte alguma se achará uma gota ou de sabedoria e de luz, ou de justiça, ou de poder, ou de retidão, ou de genuína verdade, que dele não emane e de que não seja *ele* próprio a causa; de sorte que aprendamos a realmente dele esperar e *nele* buscar todas essas coisas; e, *após* recebidas, a atribuir-lhas com ação de graças.⁶⁷

Minha atitude, ao terminar essa reflexão, não é diferente da que foi a de Calvino, ao humildemente encerrar *As Institutas da Religião Cristã*, que com tanto e zelo e amor a escreveu:

Louvado seja o Senhor!⁶⁸

REFERÊNCIAS

BLOOMER, Thomas A. **Calvin and Geneva: nation-building missions**. 2008. Extraído de <http://www.biblicalworldview.com/Calvin_and_Geneva_Bloomer.pdf>. Acessado em 15 JAN 2015, 11h16.

BOSCH, David. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

⁶⁷ CALVINO, 2015, vol. 1, p. 51.

⁶⁸ CALVINO, 2015, vol. 1, p. 481.

CALVINO, João. **As institutas ou tratado da religião cristã**. Edição clássica (latim), Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

HART, D. G. “O reformador da fé e da vida”. In PASON, Burk (Ed.). **João Calvino: amor à devoção, doutrina e glória de Deus**. São Paulo: Fiel, 2010, p. 67-77.

LYRA, Sérgio Paulo Ribeiro. **João Calvino: sua Influência na vida urbana de Genebra**. Extraído de <http://www.monergismo.com/textos/historia/calvino_genebra_sergio.htm>. Acessado em 01 AGO 2015.

MATOS, Alderi Souza de. Extraído de <<http://www.mackenzie.br/15916.html>>. Acessado em 02 AGO 2015.

PARSONS, Buk (Ed.). A humildade do calvinismo de Calvino. In **John Calvin a heat for devotion, doctrine & doxology**. São Paulo: Fiel, 2010, p. 27-42.

REEDER, HARRY L. “O clérigo da Reforma”. In PASON, Burk (Ed.). **João Calvino: amor à devoção, doutrina e glória de Deus**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010, p. 79-94.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional